



Mêlanges de la Casa de Velázquez

Nouvelle série

49-2 | 2019

El espacio provincial en la península ibérica

João GOUVEIA MONTEIRO, *Nuno Álvares Pereira. Guerreiro, Senhor Feudal, Santo. Os Três Rostos do Condestável*

Bernardo Vasconcelos e Sousa



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/mcv/11877>

ISSN: 2173-1306

Editora

Casa de Velázquez

Edição impressa

Data de publicação: 15 novembro 2019

ISBN: 978-84-9096-241-1

ISSN: 0076-230X

Refêrencia eletrónica

Bernardo Vasconcelos e Sousa, « João GOUVEIA MONTEIRO, *Nuno Álvares Pereira. Guerreiro, Senhor Feudal, Santo. Os Três Rostos do Condestável* », *Mêlanges de la Casa de Velázquez* [Online], 49-2 | 2019, posto online no dia 18 outubro 2019, consultado o 26 março 2020. URL : <http://journals.openedition.org/mcv/11877>

Este documento foi criado de forma automática no dia 26 março 2020.



La revue *Mêlanges de la Casa de Velázquez* est mise à disposition selon les termes de la Licence Creative Commons Attribution - Pas d'Utilisation Commerciale - Pas de Modification 3.0 France.

João GOUVEIA MONTEIRO, *Nuno Álvares Pereira. Guerreiro, Senhor Feudal, Santo. Os Três Rostos do Condestável*

Bernardo Vasconcelos e Sousa

REFERÊNCIA

João GOUVEIA MONTEIRO, *Nuno Álvares Pereira. Guerreiro, Senhor Feudal, Santo. Os Três Rostos do Condestável*, Lisboa, Manuscrito Editora, 2017, 372 p.

- 1 Nuno Álvares Pereira é uma personagem central da memória colectiva dos portugueses e do que podemos chamar a memória nacional. É geralmente visto e considerado como um dos maiores heróis portugueses, embora também haja quem o considere como um interveniente negativo nos acontecimentos revolucionários de 1383-1385 e no período que se seguiu, quando uma nova dinastia, chefiada pelo Mestre da ordem religioso-militar de Avis, triunfou sobre os propósitos de coroação de Juan I de Castela como rei de Portugal, pelo seu casamento com a única herdeira de Fernando I, o monarca falecido em Outubro de 1383. Tais imagens opostas sobre Nuno Álvares demonstram bem a complexidade e mesmo o carácter contraditório deste «guerreiro, senhor feudal e santo».
- 2 J. Gouveia Monteiro propõe-se no seu livro «oferecer a um público alargado uma obra abrangente e tão fundamentada quanto possível [...] e sem qualquer preconceito» (p. 330) sobre a figura em questão. Apresenta-nos, assim, uma imagem tripartida mas integrada, imprescindível para captar a riqueza e a natureza multifacetada do biografado: como chefe guerreiro, como grande senhor feudal e como santo canonizado pela Igreja Católica em 2009, no pontificado de Bento XVI.
- 3 A primeira marca matricial, de resto a mais conhecida e glosada pela tradição, tanto a historiográfica como a do senso comum, é, de facto, a do chefe guerreiro, corajoso e com apurado sentido da táctica, com acção decisiva em inúmeras ocasiões e relevantes

vitórias, com destaque para a batalha de Aljubarrota (1385), aquela que foi designada pelo cronista Fernão Lopes como a Batalha Real. Aljubarrota tem sido considerada um episódio central na independência portuguesa face a Castela, desde o final do século XIV até hoje.

- 4 A segunda imagem é a do senhor feudal. Sendo Nuno Álvares Pereira inequivocamente de extracção nobre, a sua linhagem, a linhagem dos Pereiras, não pertencia originariamente à velha nobreza primordial do reino português. Será precisamente ao longo do século XIV que os Pereiras conhecerão um processo de ascensão no seio da nobreza. Nesse processo tiveram particular destaque o avô de Nuno Álvares Pereira, Gonçalo Pereira, arcebispo de Braga, e o pai de Nuno Álvares, Álvaro Gonçalves Pereira, prior da ordem religioso-militar do Hospital no reino português. Para o sucesso da ascensão dos Pereiras na hierarquia fidalga foi igualmente decisiva uma profícua estratégia familiar de casamentos com outras linhagens nobiliárquicas, também elas não raramente relacionadas com a milícia religiosa dos hospitalários.
- 5 Na viragem do século XIV para o século XV esse processo de ascensão e afirmação dos Pereiras atingiu o seu ponto culminante na Idade Média precisamente com Nuno Álvares Pereira. Filho secundogénito do referido prior da Ordem do Hospital, Nuno Álvares colocou-se ao lado do Mestre de Avis na crise dinástica suscitada pela morte do rei Fernando, em Outubro de 1383. Este monarca não deixou um herdeiro varão e a sua única filha legítima tinha casado em Maio desse mesmo ano com Juan I de Castela. No contexto do século XIV e da Guerra dos Cem anos, abriu-se em Portugal muito mais do que uma mera crise sucessória. No fundo, os acesos e graves conflitos que então tiveram lugar eram a expressão portuguesa de uma generalizada e profunda crise social, económica e política.
- 6 A acção militar de Nuno Álvares, as suas vitórias e o seu apoio ao mestre de Avis e depois rei João I, valeram-lhe muitas e vantajadas mercês por parte do fundador da nova dinastia, através de generosas doações de terras e jurisdições ou da concessão de títulos nobiliárquicos, como os de Conde de Barcelos (Outubro de 1385), de Ourém (Agosto de 1385) e de Arraiolos (1384?), além de Condestável e mordomo-mor do reino.
- 7 É precisamente esta faceta de vitorioso chefe militar que J. Gouveia Monteiro põe em destaque, ao afirmar que «foi pela guerra e por causa da guerra que Nun'Álvares se evidenciou, se distinguiu dos irmãos e se tornou o senhor mais poderoso e rico do reino, a seguir ao monarca» (p. 207).
- 8 E de tal maneira se construiu o poderio e o prestígio senhorial de Nuno Álvares Pereira que a sua filha Beatriz casou em 1401 com Afonso, filho bastardo do rei João I, estando na origem da poderosa Casa de Bragança, cujo ducado foi doado pela Coroa ao referido Afonso em 1442. Para ilustrar a importância desta Casa de Bragança na Época Moderna basta recordar que em 1640 ela se tornará a Casa Real portuguesa, aquando da restauração da independência face à Espanha de Filipe IV.
- 9 A terceira face de Nuno Álvares apresentada por J. Gouveia Monteiro é a do santo canonizado pela Igreja Católica. A reconstituição do percurso espiritual e devocional de Nuno Álvares Pereira constitui, porventura, um dos tópicos mais originais da presente obra, para explicar aspectos da maior importância na personalidade e na conduta do Condestável. Esse percurso espiritual é analisado com grande rigor e fundamentação, sem nunca cair em profissões de fé nem resvalar para qualquer afirmação de carácter confessional. Assim, analisam-se as razões para a construção em Lisboa do Convento do

Carmo, originalmente de Santa Maria, e cujas obras se concluíram em 1422. Explica-se a doação do convento à Ordem dos Carmelitas, em 1423, procuram-se os motivos que levaram Nuno Álvares a recolher-se naquele convento, a nele viver a partir de 1422 e aí morrer em 1431, com cerca de 70 anos. Do mesmo modo, sublinha-se o sentido da tomada do hábito carmelita por Nuno Álvares, como donato, uma espécie de «meio frade», tomada de hábito esta que, segundo a tradição, terá ocorrido logo em 1423.

- 10 Ainda a este respeito, um dos aspectos mais inovadores, acerca do percurso espiritual de Nuno Álvares Pereira, é o do impacto do movimento eremítico na pessoa do Condestável. Como se pode ler, a maior influência no «ser religioso» de Nuno Álvares «foi a dos eremitas da Serra de Ossa», entre Estremoz e o Redondo, no actual distrito de Portalegre (Alto Alentejo). Em abono desta interpretação é desenvolvido um vasto, forte e fundamentado conjunto de argumentos.
- 11 Importa sublinhar que, naquele final do século XIV e início do XV, se vivia um tempo de «movimentos religiosos de alguma radicalidade, de exigência de retorno à pobreza evangélica primitiva» (p. 296). E foi nessa tendência de radicalidade e de exigência pessoal que se inseriram as experiências eremíticas que floresceram nesta época em Portugal, sobretudo no Sul do reino e em áreas regionais muitas vezes ligadas aos Pereiras e ao próprio Condestável. Como sugestivamente diz J. Gouveia Monteiro a propósito da referida fundação conventual, «no Carmo, pequena fortaleza espiritual meio-isolada dentro da grande urbe lisboeta, Nun'Álvares encontrou o seu deserto, o seu 'eremitério de cidade'» (pp. 307-308).
- 12 Não sendo, evidentemente, possível referir aqui todos os aspectos focados no livro, merece ainda uma referência o «culto popular» de Nuno Álvares Pereira, que tudo aponta para que tenha surgido de modo espontâneo, antecipando mesmo o processo de beatificação ocorrido em 1918. Esse culto, alimentado pela descrição de muitos e variados milagres e que manteve uma enorme longevidade, resistiu ao arrastamento e à interrupção de múltiplas tentativas de canonização. De facto, e como já foi dito, o processo de canonização só se concluiria em 2009, 578 anos após a morte de Nuno Álvares.
- 13 Como J. Gouveia Monteiro escreveu, «este é um livro para todos, admiradores ou não da figura histórica do Condestável, adeptos ou adversários da sua canonização, crentes ou não crentes». E acrescenta: «Não me moveu nenhuma intenção polémica: enquanto historiador apenas procurei situar a personagem no seu tempo histórico, compreender as suas acções e enquadrar os seus actos e as suas decisões, mesmo as mais difíceis». Sem dúvida um objectivo plenamente conseguido pelo Autor, sobretudo pelo rigor na utilização das fontes históricas, pela abordagem metodológica e pela capacidade de enquadramento do biografado na sua época e nas grandes tensões que Portugal viveu entre o final do século XIV e o início da centúria seguinte.

AUTORES

BERNARDO VASCONCELOS E SOUSA

Universidade Nova de Lisboa, Instituto de Estudos Medievais – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas